



Linguagem e Função: qual é a relação com a Arte? ¹

Paulo Mattos ANGERAMI²
Centro Universitário Belas Artes, São Paulo, SP³

RESUMO

Aceitando que por meio da arte é possível realizar comunicações, isto é, transmitir mensagens, então somos levados a dizer que a arte é um meio de comunicação, o que pode levar à conclusão de que a arte esteja baseada em alguma linguagem. Analisando duas definições de linguagem, que tem entre si pequenas diferenças, questiona-se qual a linguagem da arte e se esta realmente baseia-se em uma linguagem ou é um meio de comunicação desprovido de linguagem. Ao considerar que a arte seja capaz de realizar comunicações argumenta-se a favor da funcionalidade da arte.

PALAVRAS-CHAVE: arte; linguagem; comunicação; procedimento; função.

TEXTO DO TRABALHO

Alguns cursos de artes, refiro-me a cursos superiores, ainda carregam no nome especificidades como pintura, gravura e escultura. E se não está no nome do curso, então no rol de suas disciplinas possivelmente exista alguma que contemple uma ou mais dessas práticas. Cada uma dessas especificidades costuma ser denominada de linguagem. Existem cursos, por outro lado, que não utilizam esse vocábulo, linguagem, no nome das disciplinas e, às vezes, nem mesmo no projeto pedagógico. Entre outros, são utilizados termos como competências, habilidades, técnicas, meios expressivos,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, email: angerami.paulo@gmail.com

³ De setembro de 2009 a agosto de 2010 o autor realizou o projeto de iniciação científica Abstração Eletrônica com a finalidade de investigar algumas potencialidades de uso de tecnologias digitais no campo da arte orientando alunos do curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. O presente texto nasceu do questionamento de alguns alunos, aparentemente básico, sobre as relações entre arte, linguagem, tecnologia e ciência também, levando o autor a dedicar parte de seu tempo a refletir sobre estas relações. O autor agradece ao Centro Universitário Belas Artes pelo apoio e aos alunos por suas contribuições.



crítica, reflexão. Certamente, não é a mesma coisa. Mas, de um modo geral, são expressões utilizadas com enfoque na possibilidade de se criar uma comunicação. Afinal, nenhum curso superior, e possivelmente nenhum curso, visa formar pessoas para produzirem, seja lá o que for, para ser guardado debaixo do travesseiro. Visam preparar pessoas para se relacionarem social e culturalmente segundo certas especificidades que vão diferenciar, por exemplo, um jurista de um filósofo, um engenheiro de um farmacêutico, etc. Visam, portanto, preparar pessoas para se comunicarem eficientemente dentro de uma certa área de atuação, ou seja, em última instância, estamos sempre falando de comunicação. E como ensina Santaella em um texto introdutório à semiótica, se existe uma comunicação é porque os fenômenos envolvidos se estruturam como linguagem (1983, p. 12). Voltamos, então, à linguagem. Ou seja, mesmo que não apareça no nome do curso, que não apareça especificamente no nome de alguma disciplina ou no projeto pedagógico, todo curso de arte -mas não só- está tratando de linguagem. E, qual é a relação entre arte e linguagem?

A questão sobre o poder ou não da arte comunicar, acredito, já não cabe mais, apesar de ainda se discutir se a arte tem ou não uma função. Esta, sim, é uma questão importante, mas que será brevemente abordada mais adiante. Enfim, a arte certamente comunica e, se adotado o ponto de vista de Santaella um leitor desavisado poderá facilmente passar a uma conclusão, equivocada, de que a arte é uma linguagem. Se formos buscar nos escritos de Lótmán encontraremos que “por linguagem entendemos todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” (LÓTMAN, 1978, 35). À primeira vista parece que não saímos do lugar, pois enquanto Santaella, para definir a comunicação refere-se à linguagem, Lótmán, pelo contrário, para definir linguagem refere-se à comunicação. Mais uma vez, é uma questão de atentar para alguns detalhes. O próprio Lótmán complementa a definição fazendo uma diferenciação entre as linguagens e os sistemas de comunicação que não utilizam signos e, também, dos sistemas de comunicação que utilizam signos pouco ou quase nada ordenados como pode ser observado no diagrama da figura 1. Apesar de Santaella justificar a existência da “linguagem das flores, dos ventos, dos ruídos” (1983, p. 13), e outros, para Lótmán esses são sistemas de comunicação que não constituem uma linguagem. O aparente conflito se resolve entendendo o lugar de onde cada um está falando, contudo, esse assunto não será abordado nesse artigo. O que é mais interessante de se observar é que as duas definições na realidade não entram em conflito, pois



Santaella não está dizendo que todo sistema de comunicação possa ser identificado com uma determinada linguagem. E justamente o caso da arte é um bom exemplo, pois existe uma concordância de que a arte comunica, mas não por ela se identificar com uma determinada linguagem, mas pelo fato dela se apropriar de uma ou mais linguagens para produzir uma comunicação. A arte não se identifica com a linguagem pictórica, mas ela pode se manifestar através da pintura. A arte não se identifica com a linguagem verbal, mas ela pode se manifestar através das línguas naturais, dos textos, do discurso verbal. A arte pode se manifestar através de qualquer linguagem.

Mas se a arte não é uma linguagem específica e se ela se apropria de outras linguagens para se manifestar, então como é possível distinguir entre dois objetos construídos a partir de uma mesma linguagem, ou seja, o que caracteriza um como arte e outro não?

Para melhor entender a relação entre arte e linguagem vejamos um objeto de arte, qual é a linguagem que podemos nela identificar e o que a faz ser objeto de arte. Tomemos como exemplo uma obra que já causou muita polêmica e que ainda hoje não costuma ser considerado dentro do campo da arte, que é o trabalho publicitário desenvolvido por Oliviero Toscani para a empresa United Colors of Benetton nas últimas duas décadas do século XX. Divergindo da publicidade dominante da época, as imagens que Toscani produzia ou escolhia para integrarem as campanhas da empresa não representavam pessoas bem sucedidas, lugares paradisíacos, objetos de luxo ou belas mulheres. Manipulando com maestria as regras convencionais da estética composicional ele veiculou imagens com conteúdos provocativos, imagens muitas vezes consideradas chocantes, ao menos dentro daquele contexto histórico. Um padre e uma freira se beijando, a roupa ensanguentada de um soldado morto em combate na Bósnia, um HIV soropositivo em estado terminal são alguns exemplos. No programa de entrevistas Roda Viva, 1995, da TV Cultura⁴, Marco Antônio de Rezende, diretor de redação da revista Vip Exame questiona Toscani se “A força de se repetir essa fórmula, isso não pode levar, por sua vez, a uma homologação dessa fórmula? Ela não pode por sua vez se tornar banal?” (TOSCANI, 1995). A resposta poderia ser muito simples, mas o entrevistado não toma esse caminho. A resposta simples seria: sim, ela irá se tornar banal. E parece que isso Toscani já sabe, mas o que ele está comunicando é o quanto já estava banalizado o próprio meio publicitário. Observando bem, não era apenas o meio

⁴ <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0468>



publicitário que estava banalizado, o próprio conteúdo que era veiculado por ele através das publicidades da Benetton já eram banais. Esta ideia estava contida numa das primeiras perguntas do apresentador Matinas Suzuki sobre mostrar “um tipo de trabalho que lida com questões raciais e sociais (...) num país como o Brasil, onde a miséria já está nas ruas” (TOSCANI, 1995), ou seja, essas imagens já seriam banais. O que não era banal é o lugar onde isso foi apresentado. Isso sim foi um aspecto importante no surgimento da polêmica e do choque que causou: onde deveria ser vista uma imagem publicitária via-se uma imagem que, mesmo tendo algumas características de uma imagem publicitária -porque ele conhece a linguagem publicitária e sabe manipulá-la muito bem-, não era publicitária. Toscani tira a miséria e os problemas raciais, entre outros, do lugar comum e confortável que são os noticiários e apresenta esses temas no espaço publicitário. Isto sim é um grande choque, e nem tanto o conteúdo das imagens. Uma imagem que tem o requinte, a estética e a *beleza* característicos de uma imagem publicitária, mas que apresenta um conteúdo estranho à publicidade, um conteúdo tipicamente veiculado no espaço dos noticiários, provoca um incômodo no observador, um estranhamento, rompe o automatismo da vida diária, como já apontava Chklóvski, em 1917 (CHKLÓVKI, 1973). O trabalho de Toscani causa um profundo distúrbio no meio publicitário porque ele manipula a linguagem publicitária de um modo nada convencional. Tanto a estética da imagem quanto o espaço de veiculação da publicidade são elementos da linguagem publicitária e, o que fez o autor das peças publicitárias da Benetton foi causar um distúrbio nessa linguagem petrificada, sedimentada, morna, inserindo elementos a ela estranhos criando, assim, novos significados. As mesmas imagens veiculadas em outro espaço não causam tamanho impacto. À época da entrevista no programa Roda Viva suas imagens já haviam sido expostas na Biennial de Veneza e estavam sendo apresentadas no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, mas o que é comunicado, nas ruas, ou no museu, é diferente. O próprio autor afirma preferir expor seu trabalho nas ruas. Um dos impactos que as imagens causam ao serem expostas no museu, um lugar próprio para a arte, é o fato delas terem sido criadas como peças publicitárias e não especificamente como objetos de arte. Quando um curador decide colocar essas obras no museu realiza um deslocamento, como representado na figura 2, que é da mesma ordem que aquele realizado por Toscani ao veicular nos espaços publicitários imagens com conteúdos típicos dos noticiários.



Assim, mais interessante do que pensar a arte enquanto uma linguagem é entendê-la como uma energia que atravessa as linguagens, um vendaval que desorganiza as linguagens sejam elas quais forem, uma chuva torrencial que arranca as camadas de sedimentos depositados sobre as linguagens, um movimento geológico que desestabiliza as linguagens nos seus alicerces, a arte é como as estações do ano renovando as linguagens assim como se renovam as flores do campo. A arte é um mecanismo de renovação e geração de novas linguagens que tem como procedimento provocar deslocamentos em relação ao automatismo diário, é um mecanismo de fazer ver, de expor aquilo que estava oculto. Durante a entrevista de Toscani no Roda Viva Rezende não se enganou, a repetição leva à homologação da fórmula, e atualmente é possível encontrar a sua fórmula sendo aplicada em algumas peças publicitárias, mas a força de seu trabalho não reside apenas na fórmula e sim na exposição das fraquezas e hipocrisias do meio publicitário. E é por isso que o trabalho tem mais força nas ruas, no espaço da publicidade, do que nos museus.

Podemos, agora, retomar um comentário que ficou pairando em suspensão no início do texto que é sobre a função ou não da arte. Uma questão que provavelmente nunca alcançará um final. Não são poucos os artistas que afirmam que a arte não tem uma função, que ela é, e deve continuar sendo, inútil. Esta é certamente uma posição muito confortável para o artista. É uma posição livre e descompromissada de qualquer responsabilidade.

Na introdução do livro *A Estrutura do Texto Artístico*, Lótman elaborou uma reflexão para entender porque é que todas ou quase todas as culturas têm alguma forma de arte. Segundo Lótman, o conhecimento implica no armazenamento e transmissão de mensagens e, a humanidade estaria numa busca contínua por novos conhecimentos, numa busca por desvendar o mundo que o rodeia. Mas para que o conhecimento possa se expandir é necessário, então, que existam diversas linguagens, pois nem toda mensagem pode ser codificada em uma única linguagem. Por exemplo, uma pintura não equivale a uma descrição verbal da mesma. Assim, deve existir um, ou mais de um, mecanismo gerador de novas linguagens. A ideia de gerar novas linguagens pode parecer muito complexa, mas para isto basta reorganizar os signos ou incluir novos e, eventualmente surgirá algo que será considerado realmente diferente. É um processo contínuo e normalmente lento que Lótman identificou com a arte (LÓTMAN, 1978).



A reflexão desenvolvida acima, sobre a relação entre arte e linguagem que nos leva à ideia de estranhamento em Chklóvski já nos fornece uma funcionalidade da arte que soma-se, complementa e é complementada pela reflexão de Lótman sobre arte, exposta de forma muito sucinta. Porém, diversa desta, aquela pode nos fornecer uma pista para entender uma possível origem da suposta inutilidade da arte. Como vimos a partir de Chklóvski, o procedimento da arte é causar um estranhamento provocando assim uma ruptura com o automatismo da vida diária. Mas isto implica em rearticular uma ou mais linguagens, dar uma nova organização aos signos que compõem aquela linguagem ou inserir novos. É um mecanismo que desloca os signos dentro da própria linguagem ou para fora desta, como foi exemplificado com a obra de Oliviero Toscani. Nesse mecanismo de deslocamento do signo a sua função primeira é normalmente perdida, o seu significado passa a ser outro ou tem uma importância reduzida no novo contexto. Quando os publicitários criticam o trabalho de Toscani é porque eles lutam por manter uma estabilidade da linguagem, é porque eles não conseguem ver os significados novos que aquele distúrbio e reorganização da linguagem os apresenta. Assim, também, um urinol⁵ deslocado do seu lugar convencional perde a sua função, também convencional. Mas ganha outra. O difícil é conseguir enxergar além das convenções estabelecidas. Só assim é que se pode descobrir a funcionalidade da arte.

⁵ Menção à obra *A Fonte*, 1917, de Marcel Duchamp.

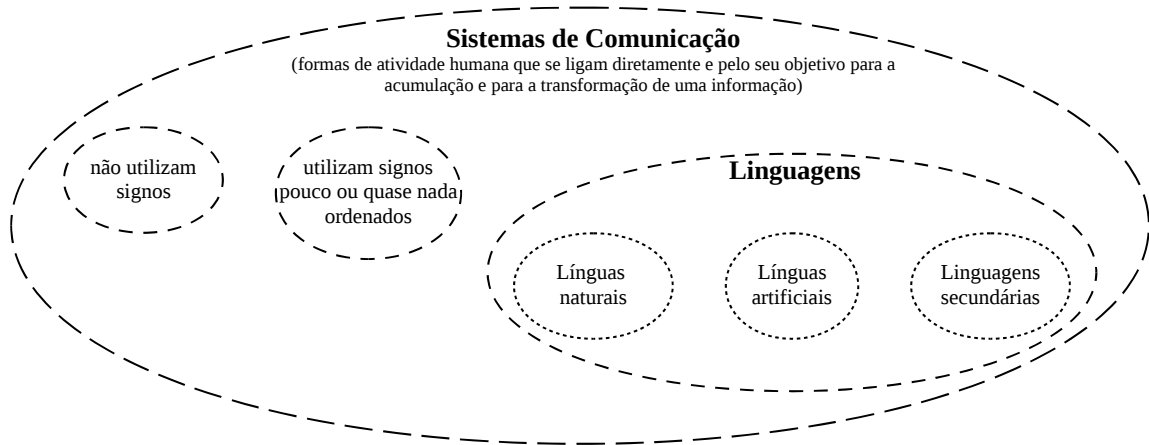


Figura 1 – Representação gráfica da distinção dos sistemas de comunicação e das linguagens proposta por Iúri Lótman (ANGERAMI, 2006, 74).

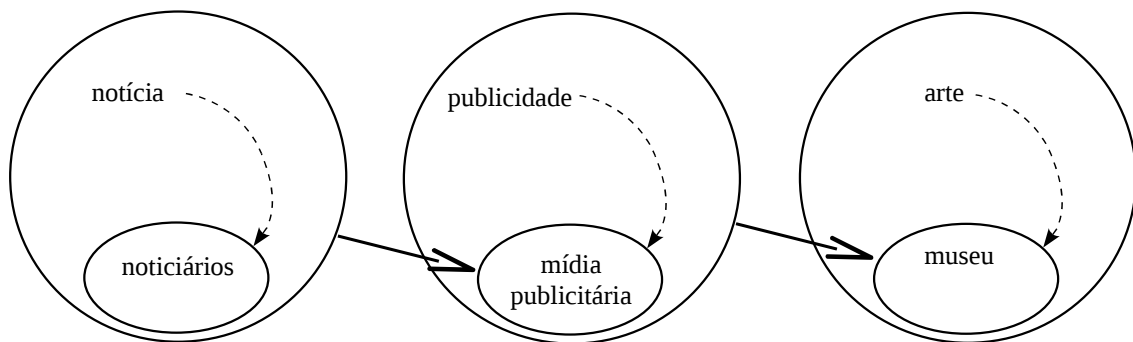


Figura 2 – Representação gráfica dos lugares convencionais (setas tracejadas) e dos deslocamentos (setas cheias) relacionados com a obra de Toscani.



REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Paulo. **A Linguagem de Máquina como Sistema Cultural**. São Paulo, 2006. 130 f. Dissertação (Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CHKLÓVSKI, Vitor. Arte como Procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

LÓTMAN, Iúri. **A Estrutura do Texto Artístico**. Tradução de Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TOSCANI, Oliveiro. **Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura, 10 de julho de 1995. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0468>>. Acesso em: 14 jul. 2010.